

Desenvolvendo conhecimentos e práticas em saúde: desafios à pesquisa e divulgação científica

Seguimos no desafio de preparar e disponibilizar com regularidade cada número da *Saúde em Redes*. Temos tratado esse desafio também como uma produção artística: manter um certo estilo e criar com base na inspiração (coletiva, nesse caso, que depende da rede de autores e de pareceristas) cada número de forma singular. No número atual, um conjunto de temas de grande relevância ajuda a refletir sobre a educação e o trabalho na saúde, que caracterizam fortemente o perfil editorial da *Saúde em Redes* e a própria Rede UNIDA. O desenvolvimento do trabalho na saúde e das tecnologias e metodologias para a formação profissional e para a aprendizagem em serviço aparecem aqui na temática da saúde do idoso, das doenças crônicas em usuários acamados, das violências, da atuação profissional de psicólogos e fisioterapeutas e, mesmo, da atuação interprofissional na atenção básica, o cotidiano da residência em área profissional da saúde, a produção de conhecimentos sobre políticas e a democracia como inclusão e como

expressão de diversidades no cotidiano, entre outros. A variação temática está comprometida com a qualificação das práticas no interior dos serviços e sistemas locais de saúde e no interior da formação e/ou da produção acadêmica, seja no perímetro urbano das regiões metropolitanas ou no interior da região amazônica.

Importante destacar não apenas a diversidade de temáticas, territórios e metodologias de análise, mas, sobretudo, uma característica que não passará despercebida pelos leitores. Trata-se de um conjunto de artigos que está muito associado à experiência no cotidiano do trabalho, seja na formação, seja no sistema de saúde. Não há desperdício da experiência para subordiná-la à linearidade estável do conhecimento sistematizado e à técnica. As vidas que estão envolvidas nas cenas que configuram os estudos e as análises não são abstrações úteis para verificar validades ou medir efeitos; ao contrário, são a alma dos estudos e do trabalho. Por isso o compromisso

ético-político de refletir sobre a educação e o trabalho na saúde como forma de fortalecer políticas públicas democráticas e inclusivas, desafio relevante diante das crises epistemológica e política que nos envolve em escala local e mundial. Nos exercícios reflexivos que compõe os manuscritos, são produzidas relações de transversalidade entre teoria e prática, sendo a teoria acionada pelo que de melhor pode oferecer para o desenvolvimento do trabalho e o fortalecimento da qualidade da vida: a teoria opera como “caixa de ferramentas”.¹ Ou seja, a teoria é acionada e *posta a funcionar* para enfrentar desafios no cotidiano do trabalho (de cuidar, de gerir, de participar, de ensinar) e, na medida em que se mistura às questões que mobilizam os atores envolvidos com as questões presentes no dia-a-dia de quem faz saúde e educação na saúde, vai se transformando e agregando densidade ao fazer. A ciência, aqui, é parte das questões do mundo do trabalho e não pertence, definitivamente, à transcendência. O conhecimento sistematizado não se projeta por sobre o trabalho e a educação. Aprender, aqui, é parte dos desafios do cotidiano e não o exercício ventríloquo da repetição. Exercício criativo de fortalecer o que a ciência e a técnica podem para qualificar a vida, fortalecer políticas públicas democráticas e inclusivas, combater totalitarismos e a opressão a vidas

que não correspondem à expectativa vigente em cada sociedade. A educação e a ciência, aqui, estão comprometidas eticamente com a liberdade e com a democracia.

O trabalho e a educação, nos artigos e na proposta editorial da Saúde em Redes, estabelecem relações de tensionamento, buscando movimentos de superação dos problemas do cotidiano. Madel Luz nos lembra, há alguns anos, que a vitalidade do campo de saberes e práticas da Saúde Coletiva está, justamente, nas tensões entre disciplinas e entre teoria e prática.² As tensões entre disciplinas da área das biociências das ciências sociais e humanas e ambientais, principalmente, constituem hibridismos epistemológicos que dão vitalidade ao campo de conhecimentos, falseando normas epistemológicas disciplinares e, portanto, o que tende a afastar a produção de conhecimentos do cotidiano. Mas é sobretudo pela tensão entre as lógicas teórico-epistemológica (relativa à produção de conhecimentos das diferentes áreas disciplinares) e operativo-pragmática (relativa à eficácia na intervenção sobre a ordem da vida) que, desde a origem da Saúde Coletiva como área de conhecimentos, se evidencia o desenvolvimento e, mais ainda, a qualidade complexa na produção da área.² A ideia de participação ampliada e diversa de atores na produção de conhecimentos, na

análise de políticas e na formação em saúde traduz a ideia de potencializar essa diversidade e superar os obstáculos na articulação entre ciência & tecnologia e educação na saúde.^{3,4} A diversidade, aqui, enriquece e dá densidade às práticas de produção de conhecimento, de formação e de atuação no interior de serviços, redes e sistemas de saúde e educação.

As diretrizes para a formação de profissionais e para a educação na saúde das políticas atuais apontam para a relevância da Saúde Coletiva transversalizar o cotidiano da formação, em parte pela capacidade de quebrar os limites da ordem disciplinar, mas também pela potência de interagir com os problemas do cotidiano da educação e do trabalho.⁴ O conceito de educação que emerge

dessas políticas é da aprendizagem como transformação de si e do trabalho, no sentido de afirmar a qualidade das vidas e a produção de mundos mais generosos para todos e todas. Daí a relevância de refletir densamente sobre as experiências e compartilhá-las, de tal forma que possam ser utilizadas, no sentido da transversalização, mas também no sentido da transformação. A ciência & tecnologia, mas também a educação, se beneficiam de redes colaborativas e do compartilhamento com a ousadia de uma ciência comprometida com a emancipação das vidas de todos e todas.

Espero que a leitura dos artigos produza efeitos em cada um e cada uma. Também inspiração de artista para nos ajudar a compor nossa próxima produção. Boa leitura!

Alcindo Antônio Ferla
(Editor-Chefe, Professor UFRGS)

Referências

- ¹ .FOUCAULT, M.; DELEUZE, G. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. Em: FOUCAULT, M.. *Microfísica do Poder*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989. Pág. 69 a 78.
- ² .LUZ, M.T.. Complexidade do campo da saúde coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade de saberes e práticas – análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 2009, 18(2): 304-311. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n2/13.pdf>.
- ³ .NICOLI, M.A.; MARTINO, A.; MARTA, B.L.; BAPTISTA, G.C.; GUIMARÃES, C.F.; SINTONI, F.; FERLA, A.A.. Não é só um problema de "satisfação dos usuários": considerações sobre a participação dos usuários na avaliação da atenção básica. *Saúde em Redes*, 2016, 2(1): 23-41. Disponível na internet: http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/658/pdf_21. Acesso em 23/09/2016.
- ⁴ .CECCIM, R.B.; FERLA, A.A.. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. *Trab. educ. saúde*, 2008, 6 (3): 443-456. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23/09/201